

**DA PAIDEIA GREGA AO MERCADO GLOBAL DE ENSINO:
A educação que não nos pertence**
FROM GREEK PAIDEIA TO GLOBAL INSTRUCTION MARKET:
The education that does not belong to us

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Resenhado por Julia Salgado (UFRJ)

Uma grande aula. Essa pode ser uma metáfora ilustrativa do livro “Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes”, de Muniz Sodré. Ancorado no objetivo de promover uma crítica ao monismo culturalista sobre o qual fomos induzidos a construir nosso entendimento de nós mesmos, o autor nos convoca a um grande exercício de relativização de “verdades” e conceitos tão cristalizados em nossa sociedade, como desenvolvimento, modernidade, cultura, justiça e, claro, educação. Como numa aula que envolve e transporta, Sodré não apenas nos convida, mas nos conduz às mais variadas paisagens e referências filosóficas, culturais, factuais: somos levados à antiguidade clássica, experimentamos a tradição oriental, visitamos os costumes islâmicos, vislumbramos as múltiplas facetas da modernidade europeia, aprendemos com culturas indígenas tupiniquins...

Como coloca Leonardo Boff, no prefácio do livro, a indagação central é em “Como enfrentar os desafios colocados à pedagogia e à educação que se derivam dos vários tipos de saberes, das novas tecnologias e das transformações processadas pelo capitalismo, estendido a todo mundo e penetrando até os confins da matéria e da vida?” (p. 7). E isso, acrescenta, “do nosso lugar social que é o Hemisfério Sul”, historicamente colonizado, mas que passa atualmente por um processo de neodescolonização. Para que tal descolonização seja efetiva seria preciso pensá-la em termos não apenas econômicos e políticos, mas também culturais e epistemológicos. Ou seja, transcender a monocultura de origem “pan-europeia” que impôs, por séculos, as crenças de sua superioridade ética, étnica e cultural ao resto do mundo. E para essa transcendência a educação assume um lugar privilegiado de luta e embate – por isso torna-se necessário reinventá-la.

Sodré explica que a “pan-Europa” (que inclui os EUA) tem origens num suposto passado glorioso da cultura grega que, ancorada pela tradição da *paideia*, entende seu conjunto cultural como o mais adequado à formação do verdadeiro cidadão da *polis*. Atualizada para tempos mais modernos, a “pan-Europa” pode ser entendida como sistema-mundo cultural orientado pela “fantasia cristã-colonialista de uma unidade absoluta do sentido e refratário à admissão de uma ecologia mundial dos saberes” (p. 20-21). Uma “ecologia mundial dos saberes”, ou multiculturalismo, é justamente o que Sodré propõe para uma educação que, reinventando-se, pode alcançar a descolonização e a diversidade. Para isso, é necessário resgatar (ou mais propriamente, instaurar) uma postura realmente crítica no processo educacional, fugindo da “progressiva conversão da cultura em fator de produtividade capitalista” (p. 32), ou seja, da absorção do conhecimento apenas como um instrumento necessário ao processo produtivo, algo que se tornou comum no corrente “capitalismo informacional-cognitivo”.

Muniz Sodré faz uso de uma extensa bibliografia para demonstrar o paradoxo de uma insistente monocultura eurocentrada – mesmo onde se haveria a desconfiança de um olhar crítico que questionasse tal centralismo, como na Escola de Frankfurt – que se afigura cada vez mais descontextualizada em um mundo globalizado e em rede. O conceito de “monocultura da mente” (Shiva), também traduzido por “instância teórica unitária” (Foucault), é central: é preciso não aceitar ubíqua e inquestionavelmente a singularidade de qualquer conceito (seja ele científico, cultural, moral), mas sempre refletir a partir do ponto de vista e do arcabouço cultural em que se está inserido. Em outras palavras, aceitar uma “ecologia dos saberes” (Santos), tão múltipla e diversa como nosso mundo.

Não aceitar monoliticamente uma noção é visitá-la a partir de diversas perspectivas, como faz o autor com os conceitos que marcam os cinco capítulos do livro, a saber: Cultura e Educação; Espaço e Cognição; Pedagogia e Escola; Tecnologia e Diversidade; Ensino e Mercado. Compreendemos que educação é um conceito muito mais amplo do que o lócus (escola) e a práxis (ensino) que consensualmente lhe são associados. Mais do que a mera assimilação disciplinada de conteúdos e modos de ação, educação envolve a “formação do indivíduo em toda sua amplitude existencial” (p. 110), uma tarefa que não pode, portanto, ser descontextualizada do lugar de pertencimento do sujeito. A escola, com sua pedagogia, explica Sodré, foi a *forma* modernamente pensada para a formação massiva de corpos atinentes com o projeto moderno de progresso e produção capitalista, e salvo raríssimas exceções foi incapaz de pensar no alunato por tal viés existencialmente contextualizado. Como local de ortopedia do

corpo e da alma, não surpreende que esta “máquina de adaptação cognitiva” (p. 81) esteja em crise, como aponta também outro instigante texto sobre a educação a partir do ponto de vista da comunicação, o “Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão”, de Paula Sibilía (2012)¹. A rica conexão entre educação e comunicação não é de se estranhar, como aponta Sodré ao enumerar alguns teóricos da educação (como Paulo Freire, Joseph Jacotot e John Dewey) que colocaram a comunicação no centro de seus métodos.

E é justamente no campo da comunicação que surgem tecnologias que reconfiguram o espaço público, entendido como esfera simultaneamente política e cultural e, portanto, também educacional. Tais tecnologias de comunicação e, posteriormente, informação, reconfiguram o espaço público que passa a “ser progressivamente absorvido pelas indústrias de conteúdos culturais, com uma conexão apenas remota com o sistema educacional” (p. 170). Trata-se do “*bios virtual*”, que não deve, porém, ser encarado como um entrave à educação. Novamente, o chamamento é no sentido de repensar o processo educacional de modo a fazê-lo caminhar *pari passu* com esse novo *bios*. Sodré dá um ótimo exemplo, comparando o elitismo tecnológico da leitura e da escrita com o igualmente elitista discurso da “inclusão digital”: de nada serve instrumentalizar o aluno com a ferramenta (seja letrada, seja digital) se este não for dotado, paralelamente, da cognição necessária para seu correto uso e benefício. Para isso, afirma o autor, é preciso buscar “processos mais tolerantes e culturalmente solidários” (p. 200) e “uma formação docente sem desajustes entre o projeto pedagógico formativo e as formas expressivas acionadas pelo *bios virtual*” (p. 204).

Nesse novo mundo regido pela tecnologia e pela fluidez dos mercados, o campo educacional estaria, atualmente, vivenciando a obsolescência de uma formação com foco humanista e cidadão. Ao invés da ora enfraquecida formação cívica clássica, o liberalismo e o utilitarismo, tão caros à lógica neoliberal, seriam os novos guias do sistema educacional, “instrumentos organizacionais e ideológicos acionados pelas organizações internacionais para transformar a escola num dispositivo de fornecimento de *capital humano* para as empresas” (p. 254). Em outras palavras, de um lado a educação se torna um negócio, mercado lucrativo já que o empenho educacional é progressivamente “mercadologizado”, transferido da responsabilidade estatal para o encargo individual. Por outro, a formação transmuta-se dentro do mesmo objetivo: produzir corpos atinentes ao modelo produtivista em voga, ou seja, não

¹ Este livro foi resenhado na edição passada da Revista ECO-PÓS por Bruno Thebaldi. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php?journal=revista&page=article&op=view&path%5B%5D=587>.

mais corpos dóceis e materialmente produtivos, mas detentores de um *capital humano* que lhes possibilite a eficaz resolução dos mais variados problemas da empresa capitalista.

“Reinventando a educação” é uma *viagem* – outra metáfora para o processo de educar – altamente crítica e elucidativa, mas não uma obra pessimista. Seguindo a máxima que afirma que *toda crise carrega em si uma oportunidade*, Sodré aponta possíveis caminhos futuros para uma educação que, em rede, seja realmente livre e diversa:

[É] possível imaginar uma forma pedagógica que se abra para as competências ensejadas pela sociedade em rede tecnológica e relativize o modelo escolar, em favor de um maior encontro com a cidade real e com a diversidade das culturas. Mas isso não tem de ocorrer necessariamente nos termos previstos pela pedagogia neoliberal dos intelectuais orgânicos do mercado mundial da educação, que visam basicamente a formação de “capital humano” adaptável às novas exigências da divisão do trabalho. Uma forma pedagógica realmente nova visaria de fato a *recomposição da experiência comunitária* em face da fragmentação social provocada pela divisão do trabalho, pela especialização das funções e pela abstração crescente do discurso científico. Além disso, poder-se-ia esperar que essa reinvenção contribuísse para superar, por meio das tecnologias da comunicação, a separação entre o trabalho manual e o intelectual, em larga parte responsável pela dominação de classe social reproduzida pela instituição pedagógica (p. 227).

Referências bibliográficas

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.